

Contatos entre gregos e indígenas no sul da Itália (séc. VIII a.C.): os caminhos da arqueologia

Ana Paula Tauhyl*

TAUHYL, A.P. Contatos entre gregos e indígenas no sul da Itália (séc. VIII a.C.): os caminhos da arqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 1-6, 2011.

Resumo: Este artigo busca tratar de Incoronata, sítio localizado em Metaponto, colônia grega do sul da Itália, no que concerne aos vestígios arqueológicos que podem indicar interação entre gregos e indígenas. Com material abundante, o sítio traz informações a partir do século IX a.C., ou seja, é anterior à fundação de Metaponto, no século VII a.C. Esta reflexão é parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Os gregos em Poseidônia e Metaponto: a *khóra* e a *ásty* como cenários de integração com os indígenas, entre os séculos VIII e IV a.C.”

Palavras-chave: Metaponto – Incoronata – Magna Grécia – Urbanismo grego – Cidade e território.

Este artigo é parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Os gregos em Poseidônia e Metaponto: a *khóra* e a *ásty* como cenários de integração com os indígenas, entre os séculos VIII e IV a.C.”, que tem como plano inicial a comparação entre estas duas colônias gregas situadas no sul da Itália, no que se refere ao uso do território e como isso pode refletir estratégias de inclusão e exclusão dos indígenas.

Aqui, trataremos de Incoronata, mais especificamente do pico oeste, sítio bastante complexo com abundante informação do século IX ao VII a.C., localizado em Metaponto.

O local tem a seguinte configuração: ao sul do rio Basento, a aproximadamente 8 km da costa, situa-se Incoronata “grega”; bem perto, estão as necrópoles de San Teodoro e Incoronata “indígena” datadas dos séculos IX e VIII a.C. Nossa pesquisa baseia-se no trabalho de Joseph Carter e Antonio De Siena. (Fig. 1)

Incoronata “grega” reúne uma série de características em um único sítio, o que permite o aprofundamento do problema colocado por esta Iniciação Científica. O sítio passou por várias fases: vila indígena, assentamento misto de indígenas e gregos e, por fim, santuário rural grego, símbolo da presença aqueia na região. Embora se saiba muito pouco sobre o que aconteceu na época da fundação de Metaponto no final do século VII a.C. (o pouco que se sabe vem repleto de controvérsias), o contato anterior entre gregos e indígenas, que pode ser

(*) Aluna de Iniciação Científica em Arqueologia Clássica pelo Labeca/MAE-USP.
Bolsista Fapesp. anatauhyl@hotmail.com

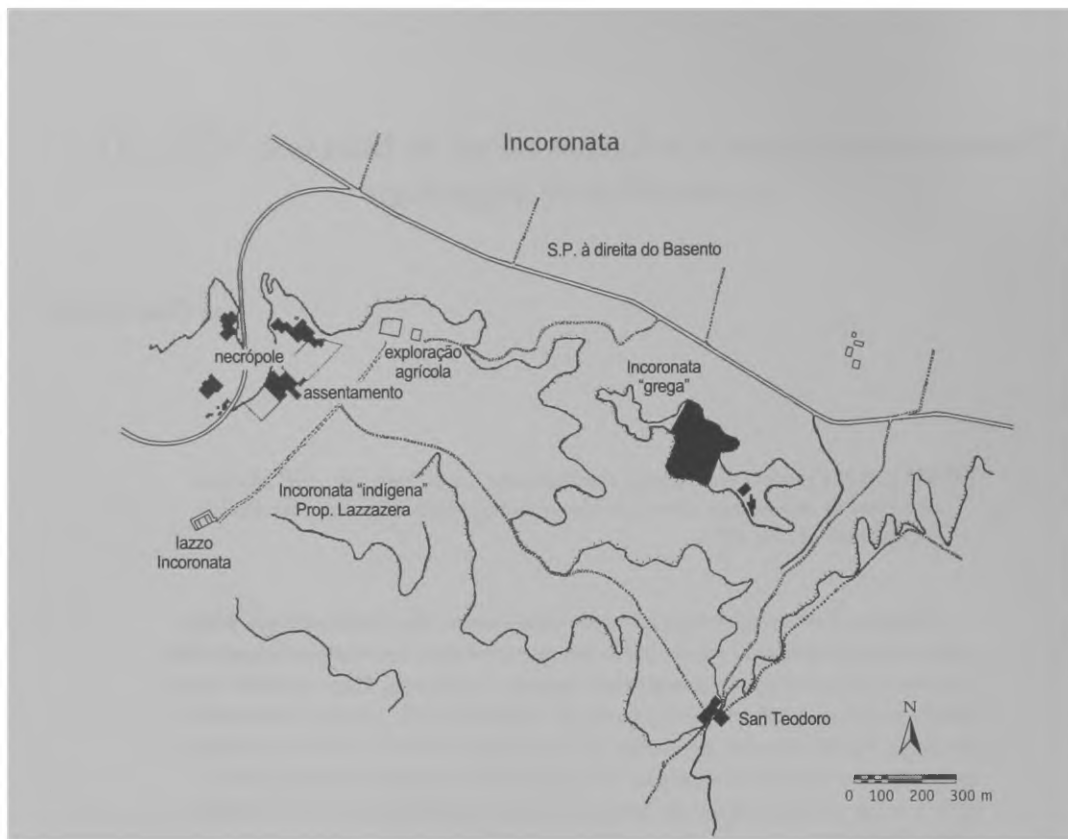


Fig. 1. Sítios de Incoronata “grega”, Incoronata “indígena” e San Teodoro na parte sul do vale do rio Basento, a 8 km da costa Jônica. (C. Williams/ICA; In: Carter 2006: 54 [fig. 2.2]). Adaptação: Ana Paula Tauhyl.

deduzido através dos vestígios arqueológicos, é capaz de nos dar pistas sobre o processo de interação nesta região entre as duas culturas, de modo geral. O que se extrai da reflexão de estudiosos como Carter e De Siena vai bastante além da visão de confronto, muitas vezes comum quando se fala das colônias gregas no Ocidente. O sítio, escolhido exatamente pela grande quantidade de material nele existente, pode mostrar uma realidade que possivelmente se prolongou até o período posterior à chegada dos colonizadores.

De Siena (2001, p.17) percebe algumas mudanças na passagem do final do Bronze para o início da Idade do Ferro (XI-X a.C.) na região da costa Jônica. Ocorreu uma crise nos maiores centros, que deram origem a pequenos núcleos mais próximos à costa, zona favorável ao desenvolvimento agrícola devido à maior estabilidade geográfica. Os núcleos se verificam pela presença de grupos de cabanas acompanhadas por sepulturas, distribuídos alternadamente

em amplos espaços vazios. As ligações entre os habitantes eram de parentesco próximo. Apesar desses acontecimentos, De Siena não vê sinais de uma ruptura cultural e étnica com a Idade do Bronze. Exemplo disso é a manutenção do sepultamento do defunto na posição “rannicchitata” – fletida, muito comum na Idade do Ferro, mas que já aparecia nas tumbas do Bronze Antigo, por exemplo, em Funnone di Pomarico, na região do rio Bradano.

Neste contexto geral, é possível identificar na região de Incoronata-San Teodoro uma grande quantidade de vestígios materiais relacionados à habitação e à necrópole na Incoronata indígena. No terreno foram encontrados os buracos onde se colocavam os postes que estruturavam a cobertura das cabanas e a cavidade que servia de depósito nas mesmas (De Siena, 2001, p. 18). (Fig. 2)

Esses poços continham cerâmica do tipo Geométrico do Bradano, com motivo *a tenda*. Um deles guardava um molde para a confecção

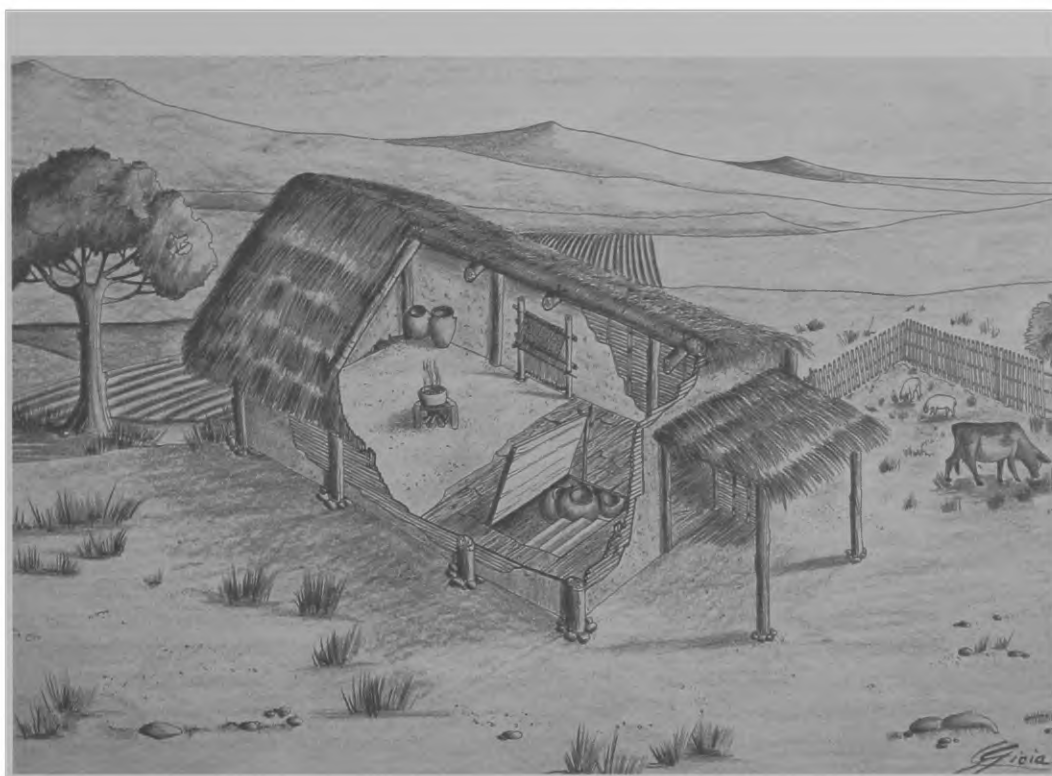


Fig. 2. Reconstituição gráfica de uma cabana indígena (De Siena 2001, p.18 [fig. 11]).

de anéis de metal comumente encontrados nas necrópoles, entre objetos femininos típicos de enterramento, como melhor veremos a seguir, do século IX ao VII a.C. As habitações não diferiam umas das outras exceto pelo tamanho das fossas. Uma possível diferenciação se dava nas tumbas e nos objetos funerários. Estes podem indicar a presença de pessoas de destaque por meio de espadas, pontas de lança e facas, do lado masculino, e instrumentos de trabalho, como os pesos de tear e demais objetos para adorno de bronze, ferro e âmbar, no que concerne ao universo feminino.

Por volta da metade do século VIII a.C., os estudos de De Siena apontam para uma modificação geral nesses vários núcleos. Obras de grande estrutura de interesse coletivo, como estradas e melhorias no território, foram realizadas e setores que antes eram destinados à habitação e às necrópoles foram abandonados. Ocorreu uma concentração populacional no vale do rio Basento. De Siena nomeia de Incoronata “grega” o que ele chama de “transformação proto-urbana”, de acordo com a

literatura arqueológica. Ele credita a mudança à maturação política interna que se deu devido ao crescimento demográfico e econômico. A documentação relativa a Incoronata consiste no aumento, a partir daí, de produtos importados da Grécia e das ilhas do Egeu. Da mesma forma, apareceu uma produção local que trazia sinais da influência grega. O primeiro achado na região aconteceu em 1971. Trata-se do fragmento de um *deinós* com desenho de cabra selvagem importado do sul da Jônia, datado de aproximadamente 630 a.C. (Fig. 3)

As escavações ocorridas em 1971 levaram Adamesteanu (1971, pp. 18-20; *apud* Carter, 2006, p. 56) a crer na possibilidade da convivência simbiótica entre gregos e indígenas no sítio da colina de Incoronata “grega” Orlandini (1999; *apud* De Siena, 2001, p. 20), por sua vez, levanta a hipótese de sobreposição grega no assentamento indígena, baseada nas evidências de cultura material que provariam a chegada grega e a estadia de artesãos e comerciantes externos. A teoria é também sustentada pela redução da produção local, pelo surgimento de novas



Fig. 3. Fragmento de um *deinós* tardio importado do sul da Jônia com desenho de cabra selvagem, cerca de 630 a.C. H. 14,5 cm. (V. Massaro. Cortesia da Soprintendenza archeologica della Basilicata. In: Carter 2006: 57 [fig.2.6]).

técnicas de construção, como a planta quadrangular e o uso de tijolo cru, e pela analogia com materiais mais arcaicos da colônia grega de Siris, encontrados na colina de Policoro. Assim, a Incoronata caberia o papel de posto avançado de Siris cuja função era estabelecer trocas comerciais com outros sítios enótrios do interior, ou seja, um assentamento com função de *empóron*. Contudo, vestígios, ou melhor, a falta deles parece indicar que a circulação dos produtos se restringiu à colina de Incoronata. O sítio teria sido, na visão de Orlandini, local de duas destruições: uma para virar *empóron* e, depois, para virar colônia aqueia. De Siena (1996; *apud* De Siena, 2001, p. 20), por outro lado, cita, a fim de provar sua teoria de continuidade, a imutabilidade das estruturas de habitação da fase indígena para a fase grega, com exceção da utilização da forma quadrangular com rodapé de pedra e construção de tijolo cru no caso de depósitos para grandes vasos de argila, os *píthoi*.

Existe, em relação à arquitetura das cabanas, um grande debate que Carter (2006, p. 58) nos apresenta em seu trabalho. O pico oeste de Incoronata “grega”, assim como os outros dois, é repleto de estruturas que Carter divide em: a) poços de tamanhos e perfis variados, que vão desde bem pequenos até 1,5 m ou mais de diâmetro; b) poços retangulares maiores; e c) estruturas semi-enterradas com superfícies do piso afundadas, algumas com pedras que sustentariam paredes de tijolos. Orlandini

(1974; *apud* Carter, 2006, p. 58) entende que os poços circulares serviam para guardar restos de cerâmica indígena, pois este era o conteúdo deles quando escavados. Outros desses poços continham cerâmica grega e indígena, datadas por estudiosos como da época em que supostamente havia apenas gregos no local. Orlandini também considera esses poços depósitos de restos. As estruturas retangulares seriam *oikos*, ou seja, casas gregas, pois continham cerâmica grega em maior quantidade, embora também apresentassem vestígios indígenas. Sua interpretação original, em 1974, como já citamos acima, é de que as cabanas com restos indígenas representariam a primeira fase da ocupação (vila indígena) no século VIII a.C., e as cabanas com resíduos gregos e indígenas seriam poços para guardar o que sobrou da vila destruída. A presença de material indígena nos *oikos* é explicada pelo fato de que estes acabavam alcançando o estrato inferior quando destruídos. Contudo, os estudos de Small e Yntema (1985; *apud* Carter, 2006, p. 60) mostram que algumas cerâmicas indígenas são contemporâneas à presença grega, o que levou Orlandini (1974; *apud* Carter, 2006, p. 58) a, de certa forma, aceitar em parte uma possível coabitação. Outra questão é a função dessas estruturas. Como os *oikos* eram pequenos e não pareciam ser de tamanho apropriado para uma habitação confortável, De Siena (1996, p. 81; *apud* Carter, 2006, p. 60) argumenta que os poços redondos poderiam ser porões de cabanas cujas partes superiores foram destruídas pelo tempo, embora não existam evidências de buracos de postes perto dessas estruturas. Isso levou à hipótese de que os poços retangulares fossem armazéns de lojas, o que corroboraria a ideia do *empóron*, entretanto, de domínio indígena.

No que concerne à produção de cerâmica, Incoronata contava com vários materiais fabricados no local, mas de estilo grego. Como exemplo, temos um *perirrhanterion* (vasilha para purificação com água) com funções rituais, segundo Adamesteanu (1986; *apud* Carter, 2006, p. 60). Isso sugere que havia um contato artístico entre a localidade e a Grécia Dórica no início da segunda metade do século VII a.C., pois o estilo do relevo da decoração, feita com temas míticos e homéricos, costumava circular

na região de Corinto por volta de 650 a.C. (Carter, 2006, p. 60). Orlandini vê, nesse caso, a possibilidade do vaso ser destinado à troca com algum chefe enótrio. Carter (2006, p. 61), por outro lado, não sabe se alguma vez um vaso desse tipo foi encontrado em locais de culto ou de enterramento indígena. (Figs. 4 e 5)

Mesmo no século VII a.C., a produção local continuava presente pelos fragmentos de vasos que mostram a continuidade de uma tradição artesanal que se permite algumas mudanças e refinamentos. A influência grega é difícil de ser atribuída especificamente a um povo, pois existem cerâmicas de vários tipos: de origem jônia, aqueia, micênica, da costa Adriática e de Ítaca, entre outras. De tudo isso, De Siena (1996; *apud* Carter, 2006, p. 63) conclui que houve assimilação dos elementos novos, no caso, gregos, pela

cultura local e não o desaparecimento desta em virtude daquela. Portanto, ele não crê na presença de um *empóron* de Siris nesse contexto de controle indígena, nem em uma colonização precoce grega. De Siena entende que havia, aí, uma dinâmica de tipo proto-colonial, ou seja, os gregos moravam em núcleos próximos à costa e aos rios com o consenso dos indígenas da região.

Os enterramentos do século VIII e VII a.C., segundo De Siena (1990; *apud* Carter, 2006, p. 63), mostram a emergência de uma elite indígena influenciada e enriquecida pelo contato com os gregos. Neste grupo encontra-se um sepultamento em posição de supino, em contraste com o comumente utilizado enterramento fletido na região. Essa pessoa, provavelmente especial, faria parte da elite que De Siena cita.

Além disso, a tumba também se diferencia pela profundidade e pela única grande laje que a cobre. A necrópole é separada das habitações por uma estrada. Na área das cabanas há vestígios de buracos de postes que sugerem uma estrutura retangular. Se isto for uma habitação, a ideia de que foi a inspiração grega a responsável por estruturas retangulares cai por terra, uma vez que as ruínas são do século VIII a.C., anteriores à fundação de Metaponto, no século VII a.C. Apesar do abandono das moradias em Incoronata “indígena” suplantada por Incoronata “grega” a região continuou a ser utilizada para enterramentos. A nordeste, após uma ravina e coberto por uma propriedade moderna, localiza-se um grupo de sepulturas indígenas em posição fletida e crianças enterradas (*enchytrismôs*) em ânforas gregas importadas, acompanhadas por aríbalos de estilo Protocorintio tardio. Há grupos similares em Siris e Pitecusa. De Siena (1990; *apud* Carter, 2006, p. 63) salienta



Fig. 4. (A) *Perimhanterion* de terracota das escavações da Universidade de Milão (Incoronata 4, 83, 88 [figs. 156, 165]). Altura: 78 cm, base diam. 78 cm. (B) Detalhe. Compare o friso de San Biagio (figura abaixo). In: Carter 2006: 61 (fig. 2.10).



Fig. 5. Relevô de um edifício sagrado em San Biagio, representando uma biga com guerreiro armado. Datado do final do século VII a.C. Altura: 20,7 cm. In: Carter 2006: 76 (fig. 2. 38).

a importância desses achados, pois sugerem proximidade dos indígenas à Incoronata “grega” no século VII a.C.

Como podemos perceber por meio dos vestígios arqueológicos e das interpretações citados neste artigo, o tema do contato pacífico

entre indígenas e gregos tem sido bastante investigado, o que vem questionar a posição mais tradicional que entendia a chegada dos gregos ao Ocidente mediterrâneo como uma empresa de conquista e de sumissão das populações locais.

TAUHYL, A.P. Contacts between Greek and indigenous people in southern Italy (VII century BC): the paths of archaeology.
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 12: 1-6, 2011.

Abstract: This paper seeks to explore the site of Incoronata in respect of archaeological remains that may indicate interaction between Greeks and indigenous population. With abundant material and located close to Metaponto, a Greek colony in southern Italy, the site provides information from the 9th century BC onwards, before the foundation of Metaponto in the 7th century BC. This article is part of a Scientific Initiation research entitled “The Greeks in Poseidonia and Metaponto: the *Chora* and *Asty* as integration scenarios with the indigenous population, between the 8th and 4th centuries BC”

Keywords: Metaponto – Incoronata – Magna Grecia – Greek urbanism – City and territory.

Referências bibliográficas

- CARTER, J.C.
2006 *Discovering the Greek countryside at Metaponto*. Thomas Spencer Jerome Lectures – Twenty-third Series. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- DE SIENA, A.
2001 *Metaponto. Archeologia di una colonia greca*. Taranto: Scorpione Editrice.